

**DISCURSO DO DR. CARLOS ALBERTO KRUSCHEWSKY, EM 08.12.95, QUANDO DA SUA POSSE COMO ACADÊMICO DE LETRAS NA ACADEMIA FEIRENSE DE LETRAS.**

Temos, de Deus, recebido dons cujos méritos discutimos sempre. A misericórdia do Senhor tem sido para conosco pródiga e não sabemos como agradecer-Lhe tantas dádivas.

Nesta noite, por exemplo, no teatro deste edifício que o incontornável impeto de Jesués Mello criou para servir à cultura na Feira, vemo-nos alvo de uma série de graças.

Ingressamos na Academia Feirense de Letras, por unânime e dadivosa decisão de seus pares, enxergando em nós qualidades como homem de letras que pomos em dúvida! Vemo-nos entrar nesta instituição com alegria e honra muito grandes, acreditando ser a generosidade um apanágio dos que a integram. Sentimo-nos, ainda mais alegres e felizes, pois, ao fim de rígida e veraz auto-crítica, podemos garantir-lhes: chegamos a esta Casa sem arrombar-lhe as portas, sem ferir a ética, tão pouco alimentando a pretensão de comprometer a sua história. Isto é bom: ao propósito correto de atitudes e à decisão de assumi-las com integridade, sempre perseguimos com esforço e cuidado.

Necessitamos, igualmente, dar graças ao Senhor por nos vermos tomar assento na Academia Feirense de Letras, exatamente na cadeira cujo patrono é o nosso estimado e saudoso amigo Eurico Alves Boaventura. Faz-se, também, muito obsequioso acuitar - com especial emoção - o fato de que antes de nós, ocupou-a um outro amigo tão querido, Monsenhor Renato de Andrade Galvão. Uma das mais iluminadas figuras da vida literária de Feira de Santana, historiador de raros méritos, pesquisador incomum, inteligência invulgar, espírito de escol, homem de Alto, sacerdote por convicção. Tamanho o seu gáudio em servir ao Senhor, tão inquebrantável seu vocacionamento que sempre situou-se longe, bem longe mesmo, do anátema do Cristo: **"Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus"** - cf. **Lu 9,62**.

Tivemos a honra de tê-lo como um dos nossos melhores amigos e a Monsenhor Galvão muito devemos da nossa formação cristã.

Por último, somos, no instante mesmo em que tanto acentua, saudados por Eduardo José de Miranda Kruschewsky, inteligência viva, irrequieta, voltada para as letras. Devemos-lhe a honraria de estar nesta Casa, vez que teve ele a bondade de propor o nosso nome à consideração dos Ilustres confrades. Eduardo sempre achou que aqui deveríamos estar e o seu convite foi uma exigência de afeto, uma homenagem do bem-querer. Nosso amigo, nosso irmão, em cujas veias corre o mesmo sangue que nas nossas corre. O sangue de um homem destemido, Henrique Kruschewsky, e respeitado e querido Coronel Henriquinho que nunca acendeu charutos com notas de quinhentos mil reis, no Bataclan ou em outros cabarés da região. Foi, isto sim, um dos desbravadores sem medo das matas do sul da Bahia, dos que ajudaram a construir com seu trabalho e suor, o indomável país de cacau, nas Terras do Sem Fim. Continuamos, desta sorte, senhor Presidente, esmagados pela generosidade de nossos pares: além da honra de ingressar na Academia Feirense de Letras, somos saudados por um dos nossos queridos irmãos no sangue, do qual pudemos dizer ser um poeta inspirado e aplaudido, autor de um magnífico livro de versos: **"O Eu Ensurralado"**!

Deus, assim, seja louvado, por tantos, tão variados e enternecedores benefícios.

Senhores académicos: Juracy Dorea é uma das inteligências mais privilegiadas desta Terra. Difícil alcançar-se mais pintor que poeta; melhor cineasta que escritor. Uma cultura sólida, brilhante; esbanjador de talentos a nos

prometer ainda melhores coisas para o amanhã. Grande amigo de Eurico Alves Boaventura e seu incansável admirador, escreveu livro cheio de idéias e registros sobre o poeta e escritor feirense. Na introdução que preparou para "Eurico Alves, poeta balano", a obra de Juracy, nesse confrade José Maria Nunes Marques assevera: "O livro que Juracy criou para Eurico... é um conto despejado e objetivo como uma casa de vaqueiro - com o essencial para existir". Fala de tudo, porém, do poeta. Conta de sua Luiza - companheira fiel, dedicada, amiga com quem convivia e a quem amou durante 28 anos; de seus filhos Maria Tereza, Maria Eugênia, José Gonçalo e Antonio Augusto que até hoje o veneram; de seu existir e peregrinar por onde andou como Juiz de Direito; de sua fixação afetiva pela Feira de Santana a quem tanto quis; das lindas coisas que escreveu.

Eurico era proprietário de uma das maiores coleções de trabalhos de Raymundo Oliveira, em sua fase inicial. Muito o ajudou, apontou-lhe o talento e chegou a pedir-lhe para ilustrar "Fidalgos e vaqueiros", iniciativa que não chegou a concretizar-se: um fixado no sagrado, outro fincado à terra. O poeta tinha os pés enterrados no barro da fazenda "Fonte Nova" que recebera de herança paterna e para ela drenou muito de sua capacidade afetiva. Para aquele pedaço de chão nas faldas da Serra de São José das Itapororocas, cantou, por exemplo:

"- Nem um rumor, nem o susurro das folhas cochilando,  
agora,

nem leve arrepio de asas sobre a terra",

nada, garantia ele, nada mesmo, contribuía para que o "Fogo Pagó" adormecesse; amava muito àquela gleba para tê-la evadida da memória e, quando, pelas contingências da vida fora dela, enxergava com nitidez:

"- Na sombra, a casa da fazenda

...uma reflexão de veludo".

E vivia, pensando a saudade imensa que dela portava. A vivência sentida de Eurico com a natureza, o apelo telúrico à sua alma sertaneja, tinham que gerar, gerar e dar luz a esta monumental obra, tratado enlouquecido de amor à formação e desenvolvimento da aristocracia da castinga, "Fidalgos e vaqueiros" que, segundo Wilson Lins "representa uma réplica de Sabão e sempre atual "Casa grande e Senzala", de mestre Gilberto Freyre."

De sua participação no movimento literário balano, sacudido pela "Semana de Arte de São Paulo", muito se pode dizer. De suas andanças - cavaleiro da Justiça que viria depois a ser tão injustiçado - um bando de coisas se tem a narrar. Aspectos os mais diversos pode-se enxergar na inteligência multifacetária deste homem emocionado pela arte; inclusive, mais uma vez, apelando para Juracy Dorea, a de leitor curioso da colossal biblioteca de granito de nossos sertões, estudante ávido em conhecer a mensagem milenar dos sítios arqueológicos que descobriu encantado e cuja história nos legou em "A Pedra de Iukúira" (1950), "Monumentos de pedra" (1952) e "Biblioteca de granito" (1953).

Onde estivesse, carregava na lembrança a terra querida. Tudo lhe falava dela, da quietude de suas noites, do macio silêncio de suas tardes quentes, de líricos amores que por lá ficaram. Não surpreende pudesse dela falar coisas tão bonitas como as de um poema que disse leve para a empoeirada Rua Barão de Cotegipe:

"- A rua larga é assim...

feito a gargalhada enleirada da tarde...

a tarde está vendo tudo... e sorrindo...

Ne fim da rua, aquela menina orgulhosa

está dizendo que interpreta Vila-Lobos...

E a tarde foi o suspiro levíssimo de um sonho".

Ou então, proclamar, extasiado, em "Canção para a minha rede no Nordeste" onde canta a bucólica vivência de uma cidadezinha, sentida com invulgar carinho:

"- Tem carícias de mulher a minha rede embalando...

Enquanto lá fora a volúpia da luz ententece a amolesta,  
Na varanda alva, no salex, a lembrança dos teus braços  
e queima nos meus lábios a queimura d'outra de tua boca  
amante

...sinto e calor adolescente de teu corpo sumarento,  
de teu corpo que tem o traves de um fruto verde no verão.  
Embalança a rede devagar...Esm-rem... devagar".

Além de Juracy, outros amigos e admiradores de Eurico procuraram guardar o que nele a Feira tinha de mais original e legítimo. Gente como Hélio Simões, Olney São Paulo, Helder Alencar, Godofredo Filho e outros lutaram e lutam para que não se realize o grande temor do intelectual balano Evandro Barreto:

"- Esquece-lo, seria cometer um grande erro, um ato de injustiça".

O magnífico e sempre querido Dival Pitombo, um dos grandes instantes da literatura moderna em nossa terra, era um dos melhores amigos de Eurico Alves Boaventura. Dedicavam-se amizade e admiração mútua, viam-se diariamente os dois maiores nomes da literatura regional; conviver com eles era um privilégio. Frequentemente discordavam, desentendiam-se, trocavam desaforos, como tivemos a oportunidade de ressaltar em depoimento que prestamos ao jornalista José Carlos Pedreira, mas as rixas terminavam em abraços, gargalhadas e juras de bem querer. Dival queria muito a Eurico e muito incentivou a publicação de "Fidalgo e vaqueiros", do amigo recebendo o estímulo e a cobrança de "Bebe do Mead" que a brilhante e sólida inteligência de Dival Pitombo nos ficou a dever. Todos conhecemos o esforço que ele fez para realizar o grande sonho do poeta em trazer Manuel Bandeira aos portões do sertão, onde o imortal autor pudesse sentir e ver que:

"- ...A subida da serra é uma plágio de vida.

Poeta, me dá esta mão tão magra e acostumada nas teclas da  
desumanizada máquina fria  
e venha ver a vida da paisagem  
onde o sol faz cócegas nos pulmões que passam e cucho a alma de  
gritos da madrugada.

.....

Manuel Bandeira, dá um pulo a Feira de Santana e venha  
comer pão de leite com carne assada do volta do curral  
e venha sentir o perfume da eternidade que há nestas casas de  
fazenda,

Nestas selares que os séculos escondem nos cabelos desmaturados  
das noites eternas.

Venha ver como e em aqui é em de verdade

E e tabará como até se parece com Nesse Senhor..."

Aos amigos fiéis veio, recentemente, juntar-se José Carlos Lacerda, homem de imprensa feirense. Encantado com a vida de Eurico que lhe narramos, sua produção literária de que lhe falamos, bradou contra o esquecimento das coisas que prestam na Feira e a quatro mãos elaboramos trabalho jornalístico impregnado de devota admiração não tanto quanto o de Juracy Dorea, embora menos meritório que o dele. Queríamos divulgar o nome e a obra do autor de "Zablagunga", o que foi capaz de escrever, com dedicatória a Jorge de Lima, um dos maiores poemas de amor à "Bahia de Todos os Santos";

"Bahia, minha Bahiazinha,  
vem escrever hoje teu poema, terrinha do meu coração!  
 ...Na faccira,  
apetiteosa  
e dengosa  
de cozes ténidas e pontudas como jabuticaba, verdes e esmeraldas  
 ...Bahia,  
o teu vatopá é gostoso,  
está me parecendo, diga sério, um manjar de céu.  
E foi provando-o que o escritor disse que a Paria só falta um  
vatopá baiano.  
 ... Um acarajé tem o gosto gostoso  
de um lábio pintado de mentas nevadas...  
Bahia, Bahiazinha guerreira,  
serena fértil que tem filhos bonitos

...  
Feira de Santana  
(minha terra!)"...

Senhoras e senhores:

Esta Feira viu nascer a Eurico Alves Boaventura, bem juntinho á Igreja N.S.dos Remédios, em 27 de junho de 1909; aqui fez seus estudos primários e em Salvador, o cursos ginásial, sendo admitido na gloriosa Faculdade de Direito, onde pontificava em feirense ilustre e respeitado, o professor Felinto Bastos. Diplomou-se bacharel em ciências jurídicas aos 23 anos e pouco menos de um lustro após, submeteu-se a difícil e concorrido concurso para juiz de direito; foi titular de comarcas em Capivary, Poções - onde conheceu e casou-se com sua querida Luiza -, Tucano, Canavieiras, Riachão do Jacuípe, Vitória da Conquista, Alagoínhas - , onde o arbítrio o atingiu, feriu e machucou, arrasando-lhe o espírito, arrancando-lhe o que tinha de mais belo e melhor: a capacidade de ser um dos mais significativos expoentes da criação espontânea e alegre.

Antes de concluir o curso jurídico, já de nosso poeta dizia-se ser um intelectual brilhante. O movimento modernista, determinando a revolução intelectual que desaba sobre São Paulo, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia á frente, terminou por incendiar igualmente aos meios literários da provinciana, porém irrequieta capital de São Salvador da Bahia. "Arco e Flecha" não foi apenas a revista de um grupo de jovens inconformados e indóceis; antes de tudo foi a expressão mais viva, a representação mais candente de uma vontade revolucionária pela reformulação da cultura. Carlos Chiacchio conseguiu reunir em torno de si o que a Bahia tinha de melhor, de mais significativo e fulgurante na intelectualidade baiana de então. Rapazes do quillate de Carvalho Filho, Eugénio Gomes, Lafaiete Spínola, Hélio Simões, Pinto de Aguiar, Ramayana Chevallier, Queiroz Jr., Jonathas Milhomens, Godofredo Filho, eram ousados em demasia, para se prender ao tradicionalismo literário. Entre eles, com apenas 19 anos, um bulhoso poeta feirense, quase imberbe, apaixonado pelo belo, e que atendia pelo nome de Eurico Alves Boaventura. A este grupo, Chiacchio chamou de: "distinto, selto e único...vanguarda moça de moças lettras...moços que needem nos apelos da necessidade de integrar a Bahia no movimento literário moderno".

E, dentre estes moços, não sem despertar ciúmes, destacava a Eurico, de quem sabia ser "menção literária de sentimentalismo caboclo com humanismo irreverente. Sai-lhe a frase um gosto acre-dece de nostalgia e revolta. Criação espontânea e crítica involuntária. Impressionam seus modos de compor sorrindo e sofrendo, sob os contrachecos das

palavras, no ím da inspiração...É de todos e que mais interessa por essas cores soltas de arrependimento mental".

Também seduzido pelo talento do jovem é irrequieto poeta, Agripino Grieco, um dos maiores críticos literários que este país já teve, escreveu encantado e definitivo: "No fundo, Eurico Alves é um dedicado filigranista lírico, um sentimental à antiga, e os seus versos mais belos são exatamente aqueles em que põe, no papel, com toda docilidade, aquilo que o coração lhe vai ditando".

Chamavam ambos a atenção para o Eurico voltado para criar e sonhar, a gestar na beleza de seus versos livres e na correção de sua escrita leve, arte mais pura e sentida, a funcionar como válvula de escape do seu gênio inquieto. Carvalho Filho, seu companheiro de "Artes e Flexas" observava que ele foi um "criador de perfeita fidelidade a si mesmo, ao criar poesia porque era poeta, não sendo poeta porque escrevia versos".

Apelando mais uma vez para Juracy Dorea percebemos o quanto, em seu livro, soube enxergar a ânsia criadora de Eurico Alves Boaventura, ao confessar admirado como ele se identificava: "com aqueles que encontram todo o sentido para a arte, apenas no ato de criar".

É assim que temos de vislumbrar ao homem capaz de esculpir à própria alma nos versos magistrais de "Uma Canção de amor":

"- Os ventos do norte estão dormindo

...

Enquanto a noite adormece ao acalante da minha  
pê e bojo que tudo afaga na minha boca  
os ventos do norte estão dormindo...

No sono dos versos cansados, o arfar dos corações que se  
recolhem

na profunda hora de repente.

Quando dormem os ventos iracundos da noite,  
a minha sombra se alonga e vibra,  
bebendo a dor de ser humana na boca das estrelas.

...

Toma a minha boca e crava nela o punhal de teu bojo, mulher".

Ilustres confrades, minhas senhoras e meus senhores:

Se o Eurico poeta foi grande, o Eurico prosador perseguiu à perfeição. Além de trabalhos, crônicas, contos, ensaios publicados em órgãos de imprensa, "Fidalgoes e vaqueiros" surgiu como uma obra substancial, cuidadosa, séria. Durante mais de 3 décadas, de forma compulsiva, pesquisou e como bem ressalta Maria Eugênia Boaventura, "aprimorou obstinadamente a história social do seu sertão que por ironia do destino e de nossa política cultural, é publicada quase 30 anos após a sua realização".

A narrativa dos barões da caatinga e seus vaqueiros envergando armaduras de couro, das boladas em viagem ou na calmaria das pastagens, das imponentes casas grandes, Eurico a faz com amor. Wilson Lins observa que o poeta discorre "com requintes de ternura, mostrando a sua natureza e amplitude de suas manifestações que abrange todos os momentos de viver sertanejo".

E nesse Eurico, eterno apaixonado do bucólico pastoril, em instante de emocionada confissão revela:

"- Quando se tem uma roça e um curral, um tanque, um boi, uma casa de fazenda, a vida se apresenta aí de forma diferente. Sente-se na alma, e reflexo de felogias que se não escreveram. Pastor e dono de fazenda, mesmo que esta seja pequena, são coisas que mudam nossa paisagem sociossocia".

Vivemos a satisfação de ter em mãos os originais de "Fidalges e vaqueiros"; lemos com atenção, analisamos com detalhes, a obra colossal e terminamos por exigir de Eurico não continuasse a mantê-la escondida, guardada a sete chaves. Ele se angustiava na terrível desilusão de quem faz literatura em nossa terra, sem atenção, apoio ou incentivo algum, salvo de poucos amigos solidários, pois em condições idênticas. Cansara de sofrer a ingratidão de lutar contra o preconceito e terminou indo embora para sempre sem conseguir alcançar o sonho de ver lido, discutido e apreciado o seu legítimo tratado da história e sociologia dos currais da caatinga.

Tudo estaria melancolicamente encerrado não fosse a persistência, a tenacidade, a coragem de amor filial de Maria Eugénia Boaventura: em comovedor trabalho, esculpiu, com o apoio da mãe e dos irmãos, aos dois monumentos que levantou à memória do pai a quem sempre venerou. "Fidalges e vaqueiros", em 1939 e "Poesia", em 1940.

Comparecemos a ambos os lançamentos. Quase somos capazes de jurar-lhes, minhas senhoras e meus senhores: sentimos ali a presença de Eurico, alegre, irreverente, feliz, acompanhado de Manuel Bandeira. Num gesto tão característico de sua espontânea manifestação, ele confidenciava ao poeta de "Belo Belo":

**"- Estou tão longe de Feira e tão perto do céu,  
quando venho de subir esta serra tão alta.  
Serra de São José dos Itapererocas,  
afogada no céu, quando a noite se despe  
e crucificada no sol ao dia gargaíha.**

**Estou na recanto da terra onde as mãos de mil virgens tecem  
cêus de cereia para meu acalante.**

**Perdi completamente a melancolia da cidade  
e não tenho tristeza nos olhos  
e espalho vibrações da minha força na paisagem.**

**...  
Alegria de ser bruto e ter terra nas mãos selvagens.  
Que lido poema cor de mel esta alvorada!  
A manhã vem deltar-se sobre o sempre verde".**

Minhas senhoras e meus senhores,

é fácil agradecer. Expressar o sentido de um "muito obrigado!" é um tanto mais difícil. Eclô. 6,7 e 14 ensina-nos:

"Se queres um amigo adquire - o pela prova.

...

Um amigo fiel é um poderoso refúgio,  
quem o descobriu, descobre um tesouro".

Registramos, felizes, a amizade que é um tesouro e pode trazer tanta gente até aqui, prestigiando de maneira tão valiosa as homenagens desta noite, emprestando contribuição ao real sentido de nosso "muito obrigado!", este que lhes fazemos chegar partido do fundo do coração.

Isto, leva-nos a manifestar nosso agradecimento mais uma vez evocando as Sagradas Escrituras, onde vamos encontrar força e estímulo para servir ao Senhor:

"Aquele que teme a Deus faz amigos verdadeiros, pois,  
tal como ele, assim é seu amigo".

(Eclô. 6, 17)

Em função de tanto, algo mais lhes revelamos prazerosamente, somando à relação de dons do Alto de que lhes falamos no início. É que, com Gildete,

comemoramos hoje 39 anos de casados e melhor presente não poderíamos receber: a festa e o prestígio de vocês.

A esta menina que 42 anos decorridos, vimos, bonita e sorridente, vestida de normalista, no relógio de São Pedro, continuamos a querer muito, embora os tropeços da vida, os misteriosos e incompreendidos desencantos de amor, os dolorosos instantes de sofrimento. Com Gildete dividimos o quanto a vida nos proporcionou desde aquela manhã de sol em que nos conhecemos, da formatura em medicina à entrada nesta Casa, pois, a ela creditamos o incentivo para as conquistas e o conforto que nunca faltou para as amarguras das derrotas. Por meio dela nos chegou a grande felicidade, o maravilhoso presente dos quatro filhos que o Criador nos deu, dos seis netos que encantam nossos cabelos brancos e nos garantem um amanhã para o nome.

A estes laços afetivos impressos no coração, atribuímos, como todos vocês o fazem, valia mais impregnada de sentimento, mais entranhada, mais terna, pois estruturada no sangue. Cremos poderem entender porque, mais uma vez ressaltamos o sentido do nosso "muito obrigado!", agora dirigido à esposa querida e amiga de quatro décadas, aos filhos e netos que adoramos, aos irmãos e sobrinhos pelos quais temos tanta estima.

Todos eles e vocês, queridos amigos, prezados confrades, deram a esta noite toque muito especial ao, tão generosamente, adorna-la de afeto e carinho. Assim seja-nos permitido encerrar o agradecimento, cantando, como o salmista, o belo e sincero desejo de retribuir e ser grato, do SL. 122, 8 e 9:

**"Por meus irmãos e meus amigos  
em desejo: A paz esteja contigo!"  
Fala com o Senhor nosso Deus  
em peço: "Felicidades para vocês!"**